



anpap®

**Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
23º Encontro Nacional. Belo Horizonte, MG.15 a 19/09/2014.
Tema: Ecossistemas Artísticos.
CEAV - Comitê de Educação em Artes Visuais**

ARTE NA PEDAGOGIA: ECOS NO SISTEMA?

Mirian Celeste Martins (UPMackenzie – GPAP)

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi (UFSCar *campus* Sorocaba – GPAP)

RESUMO

Arte. Compreendida não como uma disciplina, mas como uma extensa área de conhecimento e produção, como a arte está presente na licenciatura em Pedagogia? A pergunta fez nascer um grupo de pesquisa - GPAP - que não nasceu apenas da preocupação com a pesquisa em si, mas sim da motivação em gerar, a partir dela, uma formação compartilhada por meio de análises e reflexões dos dados levantados. Tensionamentos e enfrentamentos políticos alinhavam as questões que alimentam e provocam outras problematizações e trocas. Diretrizes, ementas, bibliografia, carga horária, interdisciplinaridade, polivalência, são alguns dos aspectos a gerar possíveis ecos no sistema.

Palavras-chave: Arte; Pedagogia; Formação em Arte.

ABSTRACT

Art. Understood not as a discipline, but as an extended area of knowledge and production, as art is present in the course of Pedagogy? The question generated a research group - GPAP - which arose not only of concern to the research itself, but the motivation to create from it, a shared formation through analysis and reflection on the data collected. Tensions and political confrontations lined the issues that fuel and cause other contextualizing and exchanges. Guidelines, summaries, bibliography, load time, interdisciplinarity, polyvalence, are some of the possible ways to generate echoes in the system.

Key words: Art; Pedagogy; Art Training.

ARTE NA PEDAGOGIA: ECOS NO SISTEMA?

É inútil escrever textos atrás de textos sobre a *praxis* e o *practicum*, sobre a *phronesis* e a *prudentia* como referências do saber docente ou sobre *professores reflexivos* se não concretizarmos uma maior presença da profissão na formação. É fundamental assegurar que a riqueza e a complexidade do ensino ganhem visibilidade, do ponto de vista profissional e científico, adquirindo um estatuto idêntico a outros campos de trabalho acadêmico e criativo, e, ao mesmo tempo, é essencial reforçar dispositivos e práticas de formação de professores baseados em uma pesquisa que tenha como problemática a ação docente e o trabalho escolar. (NÓVOA, 2013, p. 202)

A formação de educadores em todas as áreas de conhecimento tem sido objeto de muitas pesquisas e de “textos atrás de textos”, como escreveu o António Nóvoa na citação que abre este texto. Especialistas em formação de professores substituíram muitas vezes os professores em sua tarefa de formação. Houve mais uma revolução de discursos do que uma revolução nas práticas, diz Nóvoa (2013), e uma de suas propostas é “uma formação a partir de dentro”, reforçando as pesquisas que olham a ação docente e o trabalho escolar.

Muitos estudos têm sido feitos em relação a formação de professores em artes visuais, seja em sua formação inicial ou na continuada. Congressos anteriores da ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, assim como boas publicações e pesquisas de mestrado e doutorado têm evidenciado a sua importância. Mas ainda é um amplo espaço de pesquisa a formação em arte nas licenciaturas em Pedagogia. E foi esta ação que moveu a criação do GPAP – Grupo de Pesquisa - Arte na Pedagogia em 2012¹. Entretanto, não nasceu apenas da preocupação com a pesquisa em si, mas sim da motivação em gerar, a partir dela, uma formação compartilhada por meio de análises e reflexões dos dados levantados que focalizam a presença da arte nos cursos de Pedagogia. As análises nos fazem ver e rever os problemas enfrentados por cada um de nós, pesquisadores/professores nesta licenciatura e nos provocam outras problematizações e trocas.

Nesta comunicação apresentamos os resultados de três encontros nacionais com os pesquisadores de diversos Estados e da pesquisa que foi gerada, no compromisso de ampliar a discussão e abrir outras fendas de debate na formação de professores que trabalham com a arte.

As licenciaturas de Pedagogia e a Arte.

Examinar o movimento histórico de construção do curso de Pedagogia no Brasil torna possível identificar a ausência de formação artística nos processos de capacitação de seus profissionais. Observa-se que o curso de Pedagogia, fundamentado no modelo de racionalidade herdado da Modernidade, veio com frequência privando educadores da experiência em arte, articulada a outras facetas que compõem a profissionalidade docente. A supressão da arte na formação de pedagogos acarreta consequências importantes em seus valores, em suas formas de pensar e agir, podendo contribuir com a continuidade de algumas formas cristalizadas de conceber as relações, de perceber a cultura e a dimensão estética, bem como de ser professor (Lombardi, 2011).

Buscando outras reflexões que possam deslocar as narrativas e ultrapassar as noções impostas, desde a década de 1980 vêm sendo formalizadas reivindicações pelo direito à dimensão artística como um espaço de fazeres, de reflexão e de expansão de conhecimento dentro do curso de Pedagogia. Documentos como as conclusões do I Congresso Nacional de Arte e Educação/Salvador em 1983; o Manifesto de Diamantina em 1985; a Carta de São João Del-Rei em 1986; o Manifesto dos arte-educadores do Estado de São Paulo em 1987, testemunham a luta pela inclusão da arte nos processos educativos desde a infância, que teve em Mariazinha (Maria Felisminda Rezende e Fusari) uma de suas incentivadoras. Na época se reivindicava a introdução da disciplina de “Fundamentos da arte-educação” nos cursos de Pedagogia.

Fruto de tais exigências, quando publicada a Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, “Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia”, os artigos 5º e 6º consideraram a dimensão artística. O Artigo 5º decretou:

Art. 5º O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a:

VI - ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, **Artes**, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano. (CNE, 2006, p.2, grifo nosso)

O Artigo 6º, tratando da estrutura do curso de Pedagogia, respeitadas a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições, decretou que a mesma constituir-se-á dentre outros da:

i) decodificação e utilização de códigos de diferentes linguagens utilizadas por crianças, além do trabalho didático com conteúdos, pertinentes aos primeiros anos de escolarização, relativos à Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, **Artes**, Educação Física; (CNE, 2006, p.3, grifo nosso)

De fato, como esclarece o Parecer CNE/CP nº 5/2005, escrito pelas relatoras Clélia Brandão Alvarenga Craveiro e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (Saviani, 2008), a Comissão Bicameral designada em 2003 pelo Conselho Nacional de Educação em 2003 com a finalidade de definir Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, levou em conta proposições formalizadas naqueles últimos 25 anos, em análises da realidade educacional brasileira, com a finalidade de diagnóstico e avaliação sobre a formação e atuação de professores. Além do que as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia observaram também a legislação pertinente, como a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, art. 205; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) e o Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001).

O campo epistemológico da Pedagogia, portanto, procura responder a diferentes problematizações, formulações e contribuições da comunidade acadêmica (Saviani, 2008). Em outras palavras, trabalha-se na Pedagogia com um repertório plural e interdisciplinar, de conhecimentos teóricos e práticos, contextualizados na *práxis* pedagógica e social. Reflexões contemporâneas sobre o significado de ser pedagogo apontam para um entrelaçamento mútuo e dialético da teoria e prática educativas na mesma pessoa (HOUSSAYE, 2002). Assim, exige-se a capacidade de múltiplos olhares para a formação deste profissional, que proporcionem processos educativos, culturais e estéticos que se façam amplos e complexos.

Entretanto, experiências de educadores e pesquisadores que atuam no campo da formação artística de pedagogos evidenciaram problemas na implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia e impulsionaram a

criação de um grupo de pesquisa, com a participação de profissionais de vários Estados e universidades brasileiras, o qual tem empenhado esforços em levantar a existência da Arte nos cursos de Pedagogia, sejam presenciais ou à distância. Assim, criou-se o GPAP – Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia, com sede no Instituto Presbiteriano Mackenzie em São Paulo, investigando a presença de disciplinas voltadas às linguagens artísticas – ou sua ausência –, analisando os perfis de formação dos docentes, as relações entre os objetivos, as ementas, as bibliografias, os conteúdos e as diferentes cargas horárias.

Iniciamos em 2012 um mapeamento do quadro nacional atual da presença da Arte nestes cursos, a fim de possibilitarmos reconhecimentos e encontros, de compreendermos as proposições que estão sendo feitas e de discutirmos outras formas de existir em territorialidades nas quais predominaram, desde o contexto da reforma do sistema de ensino dos anos 1930, paradigmas tradicionalistas de ensino. Procuramos identificar as propostas teórico-práticas que têm sido criadas e oferecidas, almejando enriquecer o debate e propor o favorecimento de outras perspectivas epistemológicas para a formação de pedagogos, que incluam condutas artístico-estéticas na expansão das complexidades dos sujeitos.

O primeiro mapeamento foi apresentado no 22º ConFAEB – Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil na cidade de São Paulo em 2012, gerando novas ações e reflexões que ressoaram no 23º ConFAEB em Porto de Galinhas, em 2013. Em 16 de maio de 2014 realizamos o 3º Encontro Nacional de Arte na Pedagogia, retomando e ampliando o mapeamento inicial focalizando os cursos de Pedagogia em universidades públicas em todos os estados brasileiros e do qual nos fundamentamos nesta análise que traz as vozes de todos os que por ela foram responsáveis.

Análises potencializadoras de ação.

A análise dos PPCs – Projetos Políticos dos Cursos e suas ementas, resultado de um segundo momento da pesquisa, nos revelam categorias de reflexão acerca do que vem sendo constituído, tais como: as propostas que ressaltam o compromisso de

ensinar os conteúdos das artes como processo e produto histórico; as que mais se aproximam da questão da formação artístico-cultural ou estética do futuro professor; as abordagens didático-metodológicas possíveis ao ensino das artes; a Arte aparecendo como um saber prático que favoreceria o ensino de outros conteúdos – ou estaria a serviço de outros interesses de ensino. Quais os tensionamentos e enfrentamentos políticos mais importantes estão deflagrados neste terreno?

Uma das primeiras conclusões é que há variações pelo país no cumprimento às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, na medida em que, de modo geral, em certas regiões do Brasil as instituições contam com a presença de ao menos uma disciplina dedicada às linguagens artísticas associadas à formação de pedagogos (mesmo que sugerindo uma formação polivalente), porém, há regiões que ainda representam solo onde se assentam carências e lacunas em relação ao tempo-espço da arte.

Embora a maioria das instituições pesquisadas até o momento cumpram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a licenciatura em Pedagogia na medida em que contam com ao menos uma disciplina de Arte em seus cursos de Pedagogia, é possível encontrar cursos onde não há nenhuma disciplina, como o curso de Pedagogia da UNESP *campi* de São José do Rio Preto e da UFSCAR *campi* de São Carlos² ou quatro cursos da universidade Estadual do Pará, dos campi de Jacundá, Marabá, Rondon do Pará e Xinguará³ Pesquisando os sete cursos de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Ana Cristina de Moraes (2014, p. 70) aponta: “Há um fato curioso no PPP do curso de Pedagogia da FECLESC (Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central), que é a contradição da existência da Arte-educação ter sido posta como temática de aprofundamento e não ter, sequer, uma disciplina com o mesmo tema”. Como diria Nóvoa (2013, p. 199-200): “Invade-nos o sentimento de que estamos mais perante uma revolução nos discursos do que perante uma revolução nas práticas”. A sensibilidade afetiva e estética, as dimensões estética, cultural, lúdica e artística, a compreensão dos processos criativos, a consciência estética, são alguns dos termos comuns nos Projetos pedagógicos, conectados com as Diretrizes, mas não se revelam nas práticas, na configuração de disciplinas que os viabilizem e nas cargas horárias disponibilizadas.

Assim, analisar as **cargas horárias** se converte em um outro modo de compreender a importância atribuída à Arte nos cursos de Pedagogia. A concessão de horas, bem como sua distribuição entre as diversas áreas que compõem o curso de Pedagogia, é uma questão complexa e, em razão de um número significativo de variáveis envolvidas neste problema, não é possível encerrar conclusões sem que sejam observadas algumas relações. Por exemplo, faz-se relevante examinar a relação entre a carga horária total de cada curso e a composição das disciplinas, bem como as prioridades que podem ser dadas a disciplinas voltadas aos fundamentos teóricos da educação (que propiciam o embasamento teórico ao aluno de Pedagogia a partir de outras áreas do conhecimento como a Antropologia, a Estatística, a História, a Psicologia e a Sociologia) ou a disciplinas de didáticas específicas, metodologias e práticas de ensino, tais como as metodologias do ensino de Língua Portuguesa, Matemática, História, Ciências Naturais, Geografia, Artes e Educação Física (GATTI e NUNES, 2009).

Os levantamentos iniciais a respeito da carga horária para a formação artística e estética de pedagogos, prestam-se a notar as últimas conquistas para então apontar para discrepâncias e buscar embasamentos para outras análises a partir de apreciações das regiões. Neste sentido, na região Nordeste do Brasil, a partir dos dados analisados por Maria Emilia Sardelich e Estela Maria Oliveira Bonci⁴ de 7 Estados (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte), em 13 universidades pública, sendo 5 estaduais e 8 federais, com cursos em 23 municípios, verifica-se que a menor carga horária encontrada é de 30 horas e a maior é de 90 horas, sendo que a de maior ocorrência, em 17 componentes curriculares obrigatórios, é de 60 horas semestrais.

Na região Norte do Brasil, ressalvamos os dados coletados e analisados por Thaise Luciane Nardim⁵ em nove universidades federais, duas estaduais, uma municipal e um Instituto Federal (AC - Universidade Federal do Acre; AM - Universidade do Estado do Amazonas e Universidade Federal do Amazonas; AP - Universidade Federal do Amapá; PA - Universidade Federal do Pará, Universidade Estadual do Pará, Universidade Federal do Oeste do Pará e Instituto Federal do Pará; RO - Universidade Federal de Rondônia; RR - Universidade Federal de Roraima; TO - Universidade Federal do Tocantins e Centro Universitário UNIRG). Das instituições

desta região brasileira, encontram-se os seguintes dados a respeito das cargas horárias das disciplinas de Arte nos cursos de Pedagogia: 22 cursos tem disciplinas com carga horária de 60 horas; 11 cursos tem disciplinas de 100 horas; 8 cursos tem disciplinas de 45 horas; 4 cursos tem disciplinas de 90 horas; 1 curso tem disciplina de 68 horas; 1 curso tem disciplina de 30 horas; 1 curso tem disciplina de 75 horas; 1 curso tem disciplina de 80 horas.

Sintetizando, podemos verificar a considerável diversidade entre as cargas horárias dos cursos observados, espelhada pela região norte do Brasil que apresenta a variação entre a menor carga horária - 30 horas - e a maior - 100 horas.

Acreditamos haver necessidade de uma discussão mais profunda acerca das cargas horárias que se façam favoráveis à formação do pedagogo no que diz respeito à disciplina de Arte, levando-se em conta ainda o período em que é oferecida. Na região nordeste, por exemplo, a pesquisa evidenciou que é oferecida com mais frequência na segunda metade do curso, mas há disciplinas oferecidas nos primeiros semestres em algumas universidades. Há ainda uma diferença entre disciplinas obrigatórias e optativas, mas nem sempre é possível avaliar se todas as optativas elencadas são de fato oferecidas.

Talvez o aspecto mais desafiador para a análise sejam as **ementas** que podem revelar concepções e as intrincadas relações entre teoria e prática. Destacamos algumas conclusões da pesquisa sobre a formação dos professores no Brasil para a Fundação Carlos Chagas apontada por Bernadete Gatti et al (s/d, p. 8) em relação à Licenciatura em Pedagogia:

(c) a análise das ementas revelou que, mesmo dentre as disciplinas de formação específica, predominam as abordagens de caráter mais descritivo-teórico e que se preocupam menos em relacionar adequadamente as teorias com as práticas;

(d) as disciplinas referentes à formação profissional específica apresentam emendas que registram preocupação com as justificativas sobre o “porquê” ensinar, o que é fundamental, entretanto, só de forma muito incipiente registram “o quê” e “como” ensinar e a relação entre ambos e as teorizações;

(f) os conteúdos das disciplinas a serem ensinadas na educação básica (Alfabetização, Língua Portuguesa, Matemática, história, Geografia, Artes, Ciências, Educação Física) são tratados esporadicamente nos cursos de formação, e, na maioria dos cursos

analisados, são abordados de forma genérica ou superficial, sugerindo frágil associação com as práticas docentes

A referida pesquisa evidencia que a questão não está só nas ementas do componente Arte, mas em todos eles. E a enorme variedade de títulos que as disciplinas relacionadas à Arte tomam ressoam na diversidade de focos a serem trabalhados, dificultando a análise.

Exemplo deste fator encontra-se nas análises feitas pelos membros do GPAP Susana Rangel Vieira da Cunha ⁶, Olga Maria Botelho Egas ⁷, Fabio Wosniak ⁸ e Daniel Bruno Momoli ⁹ sobre as ementas de universidades da região Sul do Brasil. Analisando cinco instituições do Paraná e duas de Santa Catarina foi observado que as linguagens artísticas em suas diferentes modalidades abordam conteúdos e metodologia para o ensino da arte nos diversos níveis de ensino e que as ementas possuem abordagem mais generalista.

Entendemos que um aspecto que mereça especial atenção é que as cargas horárias são mínimas diante da abrangência deste componente curricular e de suas ementas. Os tópicos revelam obrigatoriedade de abordar temas tais como: o conceito de arte e de criação artística; a arte como expressão cultural e suas implicações na forma integral do indivíduo; a cultura como instrumento de leitura, compreensão da sociedade e construção da cidadania; o papel da arte, da ludicidade e dos jogos na escola e no processo de constituição dos sujeitos; fundamentos, conteúdos básicos e metodologia do trabalho com a música, artes visuais, dança, teatro e jogos: elementos formais, composição, técnicas, gêneros e períodos; a formação cultural do professor e o trabalho pedagógico; as novas tecnologias e a arte; projetos interdisciplinares de ensino-aprendizagem; O estudo das relações entre corpo e educação; a expressão corporal como dimensão da linguagem na educação Infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental; a linguagem musical: fundamentos, composição, relação música/movimento; a linguagem plástica: elementos formais, descrição, representação e organização das formas no desenho; a linguagem teatral: construção da representação, elementos básicos e situações de teatro; a linguagem corporal a dança como meio de expressão e comunicação humana; a relação da arte com a filosofia e a sociedade.

São poucas horas, portanto, para abordagens sobre as quatro principais linguagens da arte, da ludicidade, da corporeidade e dos estudos das relações entre essas dimensões. Assim, as cargas horárias demonstram-se incoerentes com as ementas e as proposições feitas para realização de estudos sobre o processo criativo e os produtos artísticos, a estética, a formação cultural de adultos (futuros pedagogos) e o desenvolvimento expressivo de crianças e adolescentes.

Thaise Luciane Nardim sugeriu encaminhamentos para as análises das ementas a partir de quatro categorias, quais sejam: As artes como conhecimento histórico; Criação, artes e estética; Estratégias de ensino de artes; Artes como estratégias de ensino. Acreditamos que ainda mais duas categorias possam ser acrescentadas para exame crítico: Formação estética e cultural e o Aprendiz (desde a primeira infância até os estudantes da EJA – Educação de Jovens e Adultos) como produtor e leitor de linguagens artísticas.

As **bibliografias** também foram analisadas na comparação com as ementas, pois muitas vezes a bibliografia se mostrava insuficiente para os focos abordados nas ementas.

Analisando as bibliografias de 5 universidades da região Sul do País (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul; UFSM - Universidade Federal de Santa Maria; UFPel - Universidade Federal de Pelotas; FURG - Fundação Universidade de Rio Grande; UERGS - Universidade Estadual do RS) Suzana Rangel encontra um quadro de maior avanço, sendo que a educação artística e estética tem recebido tempos e espaços mais ampliados na formação de pedagogos.

Exemplo disto está na UFRGS, onde existem três disciplinas de arte no curso de Pedagogia, denominadas “Educação e Artes Visuais”, “Educação e Teatro” e “Expressão Musical”, contando com três docentes com formação específica nas áreas de Teatro, Artes Visuais e Música, que realizaram mestrados e doutorados direcionados à educação. É conhecido o progresso alcançado na UFSM, que conta com 6 disciplinas de artes oferecidas aos pedagogos em formação (Artes Visuais; Artes Visuais e Educação; Jogo Teatral; Jogo Teatral e Educação; Educação Musical I; Educação Musical II), contando com cinco professoras das áreas específicas do Teatro, Artes Visuais e Música, mestrados e doutorados em educação.

De um modo geral, as bibliografias apresentam autores “clássicos” em suas áreas, bem como algumas discussões contemporâneas, artigos *on line*, dissertações e teses, sobre ensino de arte na educação inicial e infantil. Na disciplina de artes visuais da UFRGS a bibliografia básica traz, dentre outros, autores como: Arnheim (Arte e percepção visual, de 1980); Ana Mae Barbosa (Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais, de 2005; Inquietações e mudanças no ensino da arte, de 2002; A imagem no ensino da arte, de 1991; Arte-Educação no Brasil, de 1978); Eisner (O papel da arte como disciplina, de 1991); FERRAZ, M.H. e FUSARI, M.F. (Metodologia do ensino de arte, de 1993 e Arte na educação escolar, de 1992) e Lowenfeld e Brittain (Desenvolvimento da capacidade criadora, de 1977).

Analisando as bibliografias das disciplinas das cinco universidades mencionadas, Suzana Rangel observou que a obra mais recente é de 2005 e muitos autores nacionais que se dedicam à primeira infância não são mencionados. Em música e teatro as bibliografias são mais antigas e autores atuais, nacionais, não constam.

Um outro aspecto que se conecta diretamente com as ementas e bibliografia é questão das **linguagens artísticas**. Historicamente as Artes Visuais tem se sobreposto às demais, embora a Música também tenha uma presença garantida no cotidiano das escolas de educação infantil. Mas há muitos impasses em relação às expectativas dos arte-educadores que tem lutado há anos pela formação específica e a real repercussão na sala de aula. Nela, na maioria da nossa realidade educacional, é o professor de classe o responsável pela área de arte. E, mesmo que haja um especialista, as linguagens artísticas não podem ficar restritas aos poucos momentos com ele. Por outro lado, nem sempre os professores universitários responsáveis pelas disciplinas relacionadas à arte têm uma formação específica em uma das linguagens. Vimos disciplinas que focalizam a história do ensino de arte e as metodologias ou mesmo a história da arte, mas não parece haver espaço para a produção, para a leitura, para o contato com a arte, com uma formação cultural e estética que dê a oportunidade ao pedagogo de se ver como um ser da cultura, um cidadão que valoriza, preserva e ama o patrimônio de sua pátria, de sua pequena ou grande aldeia.

O problema da formação dos docentes dos futuros professores e de suas concepções sobre as linguagens artísticas se refletem no modo como atuam. Polivalência, interdisciplinaridade ou a divisão em atividades isoladas de artes plásticas, música, teatro e dança? Colchas de retalho teórico, visão panorâmica ou reais experiências estéticas?

As análises abrem infinitas brechas de aprofundamento e se voltam ao Grupo de pesquisa e às docências de cada um de nós, atentos a todas as questões que percebemos e sensibilizados para nosso próprio trabalho com os futuros pedagogos. Eis porque as análises movem ações que continuam em nosso encontro semanais, nas estéticas narrativas que os relatam e disparam novas trocas, outras ações e sempre muito comprometimento. O GPAP deseja mais, tanto em relação à divulgação das pesquisas e na pretensão de um repositório de dissertações, teses e artigos sobre a Arte na Pedagogia, como também a quebra das fronteiras de um possível gueto da arte-educação para adentrar em projetos com nossos parceiros de outras áreas para que de fato se encontre um espaço para a arte nas escolas e no curso de Pedagogia que amplie para todos a potencialidade da criação, da colaboração interdisciplinar, da *poiesis* que nos torna humanos.

Ainda há muito a analisar a partir dos dados recolhidos por tantos parceiros que contribuem silenciosamente com este texto. Continuamos a questionar: quais concepções de arte, de ensino de arte, de sujeito, de criança e infância fundamentam as disciplinas dedicadas à Arte nos cursos de Pedagogia? E quais fundamentam o trabalho de cada um de nós?

Questões e mais questões que evidenciam tensionamentos e enfrentamentos políticos e constroem esta comunicação que espera encontrar ecos no sistema. Será?

Referências.

GATTI, Bernadete et al. **A formação dos professores no Brasil**. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/estudos-e-pesquisas/avulsas/estudos1-3-formacao-professores.shtml?page=0>>. Acesso em 10 mai 2014.

GATTI, Bernadete Angelina e NUNES, Marina Muniz R. (orgs.) **Formação de professores para o ensino fundamental**: estudo de currículos das licenciaturas em pedagogia, língua portuguesa, matemática e ciências biológicas. São Paulo: FCC/DPE, 2009.

HOUSSAYE, Jean. **O que é um pedagogo?** In: Victorio Filho, Aldo e Monteiro, Solange C. F. (orgs.) *Cultura e conhecimento de professoras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.133-140.

LOMBARDI, L.M.S.S. **Formação corporal de professoras de bebês**: contribuições da Pedagogia do Teatro. 2011. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21072011-103922/pt-br.php>

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia no Brasil**: história e teoria. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

NÓVOA, António. Nada substitui um bom professor: propostas para uma revolução no campo da formação de professores. In: GATTI, Bernadete Angelina et al (orgs). **Por uma política nacional de formação de professores**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013, p. 199-210.

Mirian Celeste Martins

Licenciada em Desenho e Plástica pela FASM. Mestre pela ECA/USP e Doutora pela FEUSP. Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie do Curso de Pedagogia e de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Pesquisadora. Líder do GPAP - Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia e do Grupo de pesquisa Mediação Cultural: provocações e contaminações estéticas.

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela ECA USP. Mestre e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Professora Adjunta da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Departamento de Ciências Humanas e Educação, área de Metodologia do Ensino de Arte, Corporeidade e Educação. Pesquisadora e vice-líder do GPAP - Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia.

¹O GPAP – Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia, liderado pelas professoras que assinam este texto – Mirian Celeste Martins e Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, é composto por professores de muitas universidades brasileiras. Nomeamos aqui os pesquisadores que trabalharam diretamente com a pesquisa aqui apresentada: Ana Cristina de Moraes, Ana Paula Abrahamian de Souza, Anna Rita Ferreira de Araújo, Daniel Bruno Momoli, Estela Maria Oliveira Bonci, Fabiana Souto Lima Vidal, Fabio Wosniak, Francione Oliveira Carvalho, Jurema Sampaio, Magali Kleber, Maria Emilia Sardelich, Maria José Braga Falcão, Maristela Sanches Rodrigues, Mirza Ferreira, Monique Traverzim, Olga Egas, Pascoal Fernando Ferrari, Ronaldo Alexandre de oliveira, Susana Rangel Vieira da cunha, Thaise Nardim e Wasti Silvério Ciszecski Henriques..

² Segundo o levantamento de Lucia Lombardi, Monique Traverzim e Wasti Ciszewski, membros do GPAP.

³ Segundo o levantamento de Thaise Luciane Nardim, membro do GPAP.

⁴ Maria Emilia Sardelich docente da Universidade Federal da Paraíba e Estela Maria Oliveira Bonci doutoranda do UPMackenzie, membros do GPAP.

⁵ Docente da Universidade Federal do Tocantins, do curso de Artes – Teatro, membro do GPAP.

⁶ Docente da FACED/UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷ Professora Assistente da Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁸ Vice-Coordenador da Rede de Educadores de Museus de Santa Catarina - REM/SC.

⁹ Professor da Faculdade Vale Vizinhnça do Iguçu.